

A ÚLTIMA CARTA DE MARIA ANTONIETA¹

Maria Antonieta

CCCLXXXV
(Carta nº 385)

A Madame Élisabeth²

1793, 16 de outubro.

Em 16 de outubro, às 04:30hs da manhã.

É à você, minha irmã, que escrevo pela última vez. Serei condenada, não a uma morte vergonhosa, pois ela é para criminosos, mas para juntar-se ao vosso irmão³. Como ele, inocente, espero demonstrar a mesma firmeza que ele [demonstrou] em seus

¹ In: **Lettres de Marie-Antoinette**. *Recueil des lettres authentiques de la Reine*. Publié pour la Société d'Histoire Contemporaine, par Maxime de la Rocheterie & Le Marquis de Beaucourt. Tome II. Paris: Alphonse Picard et Fils, 1896. 472p. pp. 441-444. Traduzido por Marquessuel Dantas de Souza.

– Eis aqui a última carta de Maria Antonieta à sua cunhada Madame Élisabeth. Neste documento de amplo valor histórico, a Rainha da França escreve algumas passagens marcantes no dia de sua morte. Acréscimo do tradutor. Todos os colchetes e parênteses são acréscimos do tradutor, para melhor situar o leitor.

² Após sua condenação à morte, a Rainha tinha sido levada à Conciergerie (Conciargeria - antigo alojamento para prisioneiros). Ela pediu tinta ao concierge Bault (o carcereiro Bault), e escreveu a admirável carta cuja mesma nomeou seu testamento. Esta carta não chegou ao seu destino; Bault a remete ao promotor público; mas este, em vez de enviá-la, a conserva. Quando Fouquier [um dos acusadores] se manifestou/comunicou [sobre a carta], por sua vez, diante do tribunal revolucionário, seus documentos [da Rainha] foram apreendidos; por isso a carta possui, antes de mais nada, a assinatura de Fouquier; depois levaram o inventário aos comissários: Legot, Guffroy, Massieu e Laurent Le Cointre. A carta fora encontrada em 1816 nos documentos do convencional Cortês. Nota do original.

– Para maiores detalhes transcrevemos aqui a nota de Antonia Fraser: "a última carta nunca chegou a Madame Isabel. Foi interceptada e entregue a Robespierre; permaneceu desconhecida até 1816. Está hoje nos Archives Nationales, mostrando a assinatura de Fouquier-Tinville com três outras assinaturas depois. Uma nota confirma a letra de Maria Antonieta ("*conforme à l'autographe*")", p. 482. A nota da carta foi aqui reproduzida, no final, conforme o original.

– Madame Élisabeth (*Isabel de France*), para quem a carta fora escrita, era cunhada de Maria Antonieta, como já referido, e foi executada pelo *Tribunal Revolucionário* em 10 de maio de 1794. Acréscimo do tradutor.

³ Se referindo ao *Rei Luis XVI*, decapitado em 21 de janeiro de 1793. Grifos e nota do tradutor.

últimos momentos. Estou calma, como é o caso da consciência que nada censura. Estou profundamente arrependida por abandonar minhas pobres crianças; sabeis que eu existia para eles e para vós, minha amável e doce irmã. Você que teve por nossa amizade tudo sacrificado para estar conosco, naquela posição eu vos deixo! Eu soube, pela alegação do processo (julgamento), que minha filha fora separada de vós⁴. Lamento! pobre criança; não ousou escrever-lhe, pois não receberia minha carta; nem mesmo sei se esta [carta] lhe chegará. Receba por ambas [as crianças] minhas bênçãos; espero que um dia, quando forem maiores, [elas] possam juntar-se a vós e desfrutar inteiramente dos vossos meigos cuidados. Que ambas pensem naquilo que não deixei de os inspirar: que os princípios e a execução exata de seus deveres são a primeira base da vida, que a amizade e a confiança mútuas os fará felizes. Que minha filha sinta que a idade que ela tem deva sempre ajudar ao seu irmão por meio dos conselhos e da experiência que a mesma terá mais do que ele, e [que] sua amizade possa o inspirar; que meu filho, à seu tempo, devolva à sua irmã todas as atenções (cuidados, preocupações), [bem como] os favores que a amizade pode inspirar; que ambos sintam-se, enfim, que em qualquer posição onde possam encontrar-se, eles serão verdadeiramente felizes pela união; que sigam nossos exemplos. Quantos, em nossas desgraças (infortúnios), nos deram consolo por nossas amizades! E, na felicidade, usufruímos duplamente quando fora possível compartilhá-la com um amigo; e onde encontra-se mais carinho, senão na própria família? *Que meu filho nunca esqueça as últimas palavras de seu pai, que o repeti expressamente: que ele jamais vingue a nossa morte!*⁵.

Tenho que vos dizer uma coisa muito dolorosa para o meu coração. Eu sei o quanto aquela criança deve ter feito você sofrer⁶. Perdoa-lhe, minha querida irmã; pense

⁴ Foi um erro. Madame Royal não tinha sido separada da tia; Madame Élisabeth deixou-a [em seus aposentos] para acompanhá-la ao cadafalso [a guilhotina]. Nota do original.

⁵ "Eu, o Rei - relatou Madame Royal -, ofereço instruções religiosas a meu irmão; eu o recomendo, sobretudo, a perdoar àqueles que nos condenam; concedo sua bênção, meu irmão, e a minha". E para produzir uma grande impressão sobre seu filho, ele lhe proclama: "Meu filho, você entendeu o que quero lhe dizer; mas como o juramento é algo ainda mais sagrada que as palavras, jure, levantando a mão, que você concluirá a última vontade do seu pai". O Delfin cedeu às lágrimas. Nota do original. Grifos do tradutor.

⁶ Sabemos que, em 06 de outubro, Hébert e Chaumette foram transportados para o Templo, e fartos de aguardente e aterrorizado por Simon, haviam negado a inocência do jovem Luis XVII; uma acusação imunda contra seu Irmão. Sabemos também que essa ignomínia era para a Rainha no dia do seu julgamento, por ocasião de um brilhante triunfo. Um dos jurados observou ao presidente [da sessão] que a acusada não tinha nada a responder sobre a alegação feita por Hébert: "Se nada tenho à dizer - disse ela - é porque a natureza se recusa a responder a uma semelhante acusação feita a uma mãe". E se voltando para o auditório [arrematou]: "Apelo para todos aqueles que aqui estão". A impressão foi imensa, que

na idade que ela tem, e como é fácil dizer a uma criança aquilo que queremos, e mesmo aquilo que não se compreende. Virá um dia, [assim] espero, em que sentirá melhor o valor da vossa benevolência (gentileza) e da vossa ternura por ambos.

Ainda me resta lhes confiar meus últimos pensamentos. Gostaria de os escrever no princípio do processo/julgamento (condenação); mas, além desses (que os escrevo), não me permitiram escrever [outros]; o andamento [das coisas] foi tão rápido que eu realmente não tive tempo.

Morrerei na religião católica, apostólica e romana, naquela dos meus pais, naquela em que fui educada e em que sempre professei (sempre pratiquei). Não tendo nenhum consolo espiritual a esperar, não sabendo se aqui ainda existe padres dessa religião, nem mesmo o lugar onde eu os exponha [minhas angústias] se eles entrarem uma vez; peço sinceramente perdão à Deus por todas as culpas que eu possa cometer depois de existir; espero que [Deus], em sua bondade, queira receber minhas últimas preces, assim como aquelas que fiz por muito tempo, porque ele deseja receber minha alma com sua misericórdia e sua generosidade.

Peço perdão a todos aqueles que conheci, e a vós, minha irmã, em particular, por todas as dores (aflições, mágoas) que, sem querer, pude ter causado. Perdoou à todos os meus inimigos o mal que me fizeram. Aqui digo adeus às minhas tias e à todos os meus irmãos e irmãs. Tive amigos; a Idéia de ser separada para sempre e suas dores (sofrimentos) são um dos maiores remorsos que levo comigo ao morrer; que eles saibam ao menos que até o último momento pensei neles.

Adeus, minha bondosa e carinhosa irmã; que esta carta possa chegar à vós! Pense sempre em mim; eu vos abraço com todo o meu coração, assim como aquelas pobres e queridas crianças. Meu Deus, é doloroso deixá-los para sempre! Adeus, adeus; eu não vou mais me ocupar dos meus deveres espirituais. Como não sou livre nas minhas

mesmo as rendeiras [na platéia] ficaram comovidas, e, para encurtar esta agitação, o presidente prosseguiu a sessão quase que imediatamente. Nota do original. Grifos do tradutor.

ações, eles⁷ me trarão talvez um padre; mas aqui protesto que não lhe direi uma [só] palavra, e que o tratarei como um ser absolutamente estranho⁸.

(Autographe, Archives nationales, Armoire de fer. – La lettre porte les signatures suivantes: A. Q. FOUQUIER, LEGOT, GUFFROY, MASSIEU, L. LE COINTRE. Éd., conforme à l'autographe, CAMPARDON, *Marie-Antoinette à la Conciergerie*, 1863, in-12, p. 125; FRUILLET DE CONCHES, *l. c.*, VI, 532).

⁷ Se referindo aos julgadores, ao promotores da revolução, àqueles que a acusarão e a condenarão à morte. (N. T.).

⁸ A Rainha manteve a palavra; o pároco constitucional de Saint-Landry, o abade Girard, estava presente na Conciergerie, e ela recusou escutá-lo. Uma tradição respeitável, obstinada por testemunhas sérias, afirma que ela teria recebido, alguns dias antes, os auxílios de um padre fiel, o abade Maguin, após o pároco de Saint-Germain l'Auxerrois. Ver, sobre esse assunto: *La communion de Marie-Antoinette à la Conciergerie* (*Revue des questions historiques*, janvier 1850, t. VIII, p. 170-229), et *Marie-Antoinette à la Conciergerie*, par Victor Pierre (même *Revue*, janvier 1890, t. XLVII, p. 192-331. [A *comunhão de Maria-Antonieta na Conciergerie* (*Revista de questões históricas*, janeiro de 1870, tomo VIII, pp. 170-229), e *Maria-Antonieta na Conciergerie*, por Victor Pierre (na mesma *Revista*, janeiro de 1870, tomo XLVII, pp. 192-231)].

Algumas horas após ter escrito essa carta, às onze horas, a Rainha fora retirada da Conciergerie, e, ao meio dia e vinte minutos (às 12:20hs), sua cabeça rolava sobre o cadafalso da praça da Revolução (em Paris). Nota do original.

– Para mais detalhes da carta aqui traduzida, consultar a mais documentada e a melhor biografia escrita sobre Maria Antonieta, a obra de *Antonia Fraser. Maria Antonieta: biografia*. Tradução Maria Beatriz de Medina. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012. 574p. pp. 481-482. Publicado originalmente em inglês em 2001. Primeira publicação brasileira de 2006. Acréscimo do tradutor.